

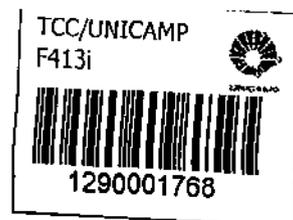
MÁRIO CLEMENTE FERREIRA

INFLUÊNCIAS DAS TORCIDAS NO DESEMPENHO DOS ATLETAS DE FUTEBOL

CAMPINAS

2004

MÁRIO CLEMENTE FERREIRA



INFLUÊNCIAS DAS TORCIDAS NO DESEMPENHO DOS ATLETAS DE FUTEBOL

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Educação Física
na modalidade de Treinamento e Esportes pela
Faculdade de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas

ELAINE PRODÓCIMO

CAMPINAS

2004

MÁRIO CLEMENTE FERREIRA

INFLUÊNCIAS DAS TORCIDAS NO DESEMPENHO DOS ATLETAS DE FUTEBOL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Orientadora: Profa. D^{ca}. Elaine Prodócimo

Banca examinadora: Prof. Mtdo. Rubens Venditti Júnior

CAMPINAS

2004

AGRADECIMENTOS

Aos companheiros de sala Márcio Morato, o "Véi" e Serginho Settani, o "Xáxa" pelos incentivos, pela empolgação e, principalmente pelos livros e artigos emprestados.

À minha amiga Thaís Mello que me acompanha mesmo de longe e me ajuda sempre que pode.

À Elaine, pela paciência, pelas orientações, pelas críticas, os desentendimentos, as quebras de paradigmas, instruções, por me aturar e por me pressionar. Se ela não pôde escolher um orientando, eu soube escolher a melhor orientadora.

Aos companheiros do GGU (Grupo Ginástico Unicamp) por tolerarem as minhas ausências nos eventos socioculturais e por não me deixarem perder a criatividade.

Ao Zeitune, Gabi, Tamara e Crau pelas bagunças e por gostarem de mim.

À Ana Paula por sempre ter escutado meus problemas e dividir comigo momentos bons e até os ruins este ano.

Aos funcionários e alunos da Academia Cambuí Fitness. Principalmente à Bel, o Guilherme, o Moita e o César que me ajudaram, me apoiaram e, principalmente, tiveram a paciência de ficar me ouvindo durante sete meses sobre o mesmo assunto.

À minha mãe pelo apoio e por acreditar e me incentivar em tudo, desde o início.

A minha irmã, por dividir o computador e seus conhecimentos comigo. Foi uma guerra!

À minha namorada, Beny, que relevou minhas atitudes.

Ao Professor Jocimar Daolio, que além de me mostrar alguns caminhos e me inspirar a todo o momento, também me ajudou com suas publicações, seus livros, enfim: seu conhecimento.

Aos meus amigos que integraram o time de futebol da FEF 99 NOTURNO, o TORPEDÃO, nas duas edições da Copa Barão Geraldo de Futebol Amador. Jogamos pelo movimento!

À turma da FEF 99 Noturno, pelas aventuras e tudo o mais que passamos nestes anos todos de graduação.

Ao Faísca (Rubens) por "tudo" estes anos todos.

Muito obrigado

APRESENTAÇÃO:

O futebol brasileiro é uma das pás da hélice que move o Brasil em matéria de cultura. O nosso povo “acorda futebol”, “almoça futebol”, “janta futebol” e “dorme futebol”. Somos milhões de técnicos de futebol e “somos muito melhores que essas pernas de pau” que estão aí nos nossos gramados. Somos espectadores, comuns, simpatizantes, organizados, enfim: apaixonados torcedores.

Se um torcedor reza pelo seu time em uma disputa de pênaltis, é possível que haja esse tipo de ajuda sobrenatural? É possível que sim. Pergunte ao torcedor se ele acredita: - “Naquela hora vale tudo, até promessa!”.

E quanto aos torcedores que vão a campo, será que ajudam realmente a impulsionar sua equipe ou mesmo atrapalhar a equipe adversária?

Há inúmeras possibilidades sobre as influências das torcidas no desempenho dos “operários da bola”. Operários sim, pois o futebol é o seu emprego e se for comparado à outra paixão nacional como a cerveja, o futebol não pode estar morno e tampouco sem sabor. Os atletas de futebol têm seu líder, que é o capitão da equipe, seu chefe, que é o técnico, seu gerente de futebol e assim por diante; como têm uma hierarquia os empregados de uma fábrica de cerveja.

Se a cerveja está ruim é como se um jogador perde um pênalti, e só iremos saber estes resultados no momento de abrir a garrafa ou quando “chutamos” a bola para fora.

A diferença fundamental entre estes produtos é que não há a presença de torcedores de cervejarias dentro das linhas de produção ou uma multidão protestando ou até dando apoio ao redor de uma fábrica. Entretanto, o que dá o ar da diferença é a fidelidade: O torcedor (até quando está bêbado) pode até mudar a marca da cerveja, mas nunca trocará de time de futebol.

Essa distinção entre os operários da cerveja e os da bola é que o último, além de ter seus compromissos com seus superiores, também tem que

“responder” para aquela multidão eufórica; “aquele bando de sabe tudo”! De fato isso faz diferença...

RESUMO:

Em certas ocasiões, alguns jogadores de futebol são muito influenciados pelas torcidas; essas influências podem ser maléficas ou benéficas, dependendo de fatores tanto do próprio estado emocional do atleta, quanto das características das torcidas e do meio ambiente. Apoiado em estudos psicológicos e antropológicos, será feita uma análise qualitativa dessas influências. Primeiro é dado um enfoque nas características humanas com a intenção de mostrar que o futebol é um fenômeno cultural brasileiro e que o torcedor faz parte e tem importância neste contexto. Também é analisado pela psicologia cognitiva o ser humano atleta, o jogador de futebol. Por último, são avaliadas as diferentes influências que stressam este atleta em sua vida dentro e fora de campo no que diz respeito a esta relação entre o homem torcedor e o homem atleta.

Palavras chave: Cultura - Futebol – Torcida - Stress

ABSTRACT:

In certain occasions, some football players very are influenced by the cheer; these influences can be maleficent or beneficial, depending on factors in such a way of the proper emotional state of the athlete, how much of the characteristics of the cheer and the environment. Supported in psychological and anthropologic studies, a qualitative analysis of these influences will be made. First an approach in the characteristic human beings with the intention is given to show that the soccer is a Brazilian cultural phenomenon and that the inciter/cheerer is part and has importance in this context. Also athlete, the football/soccer player is analyzed by cognitive psychology the human being. Finally, the different influences are evaluated that stressed this athlete in its life inside and are of field in that it says respect to this relation between the inciter/cheerer and the athlete.

Words key: Culture - Soccer - Cheer - Stress

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:Pág. 20

FIGURA 2:..... Pág. 24

FIGURA 3:..... Pág. 28

FIGURA 4:..... Pág. 29

SUMÁRIO:

1.	Introdução	10
2.	Objetivo	13
3.	Metodologia	14
4.	Cultura	15
5.	Futebol	18
6.	Torcidas	23
7.	Stress	31
8.	Influências das Torcidas	41
9.	Considerações	47
10.	Referências Bibliográficas	51

1. INTRODUÇÃO:

O futebol, aqui no Brasil é considerado um esporte muito popular, pois é o que tem mais influência no cotidiano do nosso povo em comparação com os outros esportes e até com outras manifestações da nossa cultura.

Sua interferência na cultura do País pode ser constatada pela sua manifestação de várias formas na sociedade: qual é o dia em que não se ouve falar de futebol aqui no Brasil? Seja vendo uma camisa de um "time", uma conversa em uma mesa de bar ou pela TV, o fenômeno futebol está sempre à frente dos olhos da população.

Autores como Daolio (2000) e Toledo (2002) acreditam até que o futebol permite a leitura da sociedade brasileira. O drama, desencadeado, pode mostrar a expressão do País, como por exemplo: o conjunto de sentimentos e valores demonstrados pela perda da copa de 50 ou pela conquista do tricampeonato mundial em 70.

Essa cultura que o País adotou em torno do futebol só tem sentido se houver um sujeito em campo, o "jogador" ;e um sujeito fora de campo, o torcedor.

Há tipos de torcedores muito diferentes; os que nunca vão aos estádios, os fanáticos, que vão assistir até aos treinos etc. O torcedor que, de algum modo se manifesta, aliando-se a outros torcedores, cria uma massa. Essa massa representativa se chama torcida e, talvez, possa tornar-se influenciadora no desempenho do atleta pela via psicológica (contra ou a favor), mas ainda não se sabe se os propósitos dos torcedores são cumpridos da maneira que eles pensam, ou seja, se as manifestações nas arquibancadas, nos centros de treinamento, nas ruas, enfim: cumprem com os seus objetivos.

Como o homem se relaciona com o mundo e, particularmente com um contexto ao seu redor (ambiente), psicologicamente, é possível que haja influências na performance do atleta, que podem vir de um simples fato isolado, ou de uma manifestação local de torcedores ou mesmo dos treinadores.

O jogador sabe sempre que é visto, mesmo que não havendo público, pois joga sob os olhares dos companheiros e dos adversários, e esses

olhares estranhos ele os aceita e torna em parte seus próprios. O jogador, portanto, não é totalmente livre, mas é exatamente essa falta de liberdade a característica de toda performance na vida coletiva, proporcionando uma dupla satisfação: como simples performance e como performance sob os olhares dos outros. (BUYTENDIJK, 1965, p. 51)

Se o jogo é no próprio estádio do clube (jogo em casa), o apoio da sua própria torcida pode ter uma influência benéfica para alguns atletas ou mesmo pressionar outros atletas a ponto de tornar-se maléfica para os mesmos e, conseqüentemente, para a equipe.

Esta relação **homem-atleta de futebol** com o **homem-torcedor** ainda não está bem traçada nas linhas de pensamento das áreas das ciências humanas e psicológicas, portanto deve-se coligar as arestas que compreendem o universo do esporte de rendimento e principalmente o futebol.

O fato é que um jogador de futebol, quando faz um gol, dá um soco no ar e vai comemorar junto à sua torcida; beija a camisa; joga-a para a sua torcida, pula e se dependura no alambrado, transmitindo e ao mesmo tempo dividindo todas as suas emoções com a sua torcida.

Também, alguns jogadores ditos mais habilidosos, quando “atuam” em uma partida de grande importância ou decisão de campeonato não têm um bom desempenho, fazendo com que o seu rendimento caia tanto a ponto de o espectador dizer que “ele está sumido em campo”, principalmente quando os jogos são no estádio do time adversário.

Já, outros jogadores se sobressaem nestas mesmas condições! Há atletas que quando pressionados melhoram muito o seu futebol, enfim: “aparecem”.

Estas influências podem advir da torcida como fator desencadeador de um processo de stress nos jogadores, e este pode interferir de maneira positiva ou negativa no desempenho de suas habilidades motoras e capacidades físicas dos atletas.

Este processo de stress passa pelos fatores pessoais e culturais das relações que existem entre os torcedores e atletas. Em virtude destas relações, o atleta tem uma percepção particular das manifestações das torcidas, ou seja,

haverá uma subjetividade da percepção e da interpretação do estímulo causado pelas torcidas, o que lhe causa emoções próprias, devido a fatores como, por exemplo, seu traço de ansiedade e o momento em que vive no seu meio ambiente.

2. OBJETIVO:

Este trabalho se destina estabelecer subsídios para análise sobre a atuação das torcidas como desencadeadoras de stress e interferindo no desempenho dos atletas, procurando saber quais os tipos, como elas podem agir e até quando realmente essas influências têm algum significado.

3. METODOLOGIA:

Este trabalho utilizará como recurso metodológico a revisão bibliográfica para, embasado em autores que discorrem sobre o assunto, analisar a influência da torcida como fator desencadeador de stress, interferindo no rendimento de atletas de futebol.

Os temas tratados no presente estudo abrangem:

- Cultura;
- Futebol como Fenômeno Cultural;
- Torcidas;
- Stress e Ansiedade;
- Influências das Torcidas.

Após levantamento bibliográfico, haverá uma análise crítica do material organizado.

O trabalho de revisão bibliográfica, segundo OLIVEIRA 2001, consiste na atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação para coletar dados gerais e específicos a respeito de um determinado tema. Para isto, deve-se ter claro e definido o(s) tema(s) de pesquisa, o que se quer saber sobre determinado assunto, sem que esse tema seja muito amplo, pois isto dificulta a pesquisa.

Do ponto de vista prático, a pesquisa bibliográfica pode ser segmentada em quatro partes: busca; localização; seleção e análise crítica sobre o assunto pesquisado.

4. CULTURA:

O Homem se diferencia dos demais seres do planeta por um aspecto muito próprio que é a cultura. Quando nasce, o homem não tem cultura, não tem valores, não obedece a regras, não julga, não crê em nada e não almeja nada. É um bebê, esperando estímulos e informações. Todos esses estímulos e informações que o homem recebe desde os primeiros dias de vida são parte da cultura desse ser que é construída dia após dia, ano após ano e, independentemente de onde a pessoa nasça e viva, independentemente de tempo, independentemente da cor da pele, sempre estará aprendendo e construindo cultura.

Segundo Bruhns (1994), a cultura é como o homem expressa os seus conhecimentos e valores sociais por meio de manifestação, criação e transformação. O homem, então, não só aprende com essa cultura, ele é capaz de criar e de transformar a sua cultura. Cultura essa, diferente de sociedade para sociedade; todas com significados peculiares e particulares. Esses significados são chamados de símbolos e a cultura usa esses símbolos para se comunicar. Portanto as atitudes, movimentos e reações humanas estão intimamente ligados à cultura.

Na é possível afirmar que uma cultura é melhor nem maior que outra. É possível sim, afirmar que algumas culturas possuem uma extensa complexidade de conhecimentos, portanto uma riqueza de elementos culturais. Não é porque uma comunidade é limitada por barreiras físicas, tamanho ou outros fatores que a sua cultura (que é limitada) é pior que a cultura de uma grande região de um país ou um grande centro urbano.

Chauí (1994), apoiada na teoria da “Luta de classes” de Marx, entende que em uma sociedade há várias comunidades, afinal os cidadãos de uma sociedade vivem em classes sociais e locais diferentes, não possuindo uma mesma ideologia. Uma sociedade não tem controle ideológico de todas as classes e localidades, portanto não tem e não pode determinar as diferentes culturas dessas comunidades.

Isso é importante para dizer que esses símbolos que marcam as manifestações culturais de cada comunidade ou sociedade variam ainda mais quando, em uma sociedade, são analisados de comunidade para comunidade, pois se dentro de uma mesma sociedade há diferentes símbolos construídos culturalmente, também é visível a tamanha variedade cultural dentro de uma mesma sociedade. Não é preciso ir muito distante para verificar esse fato: o centro de uma cidade como Campinas está repleto de nichos culturais distintos entre as pessoas que, por exemplo, estão trabalhando em um mesmo centro comercial. Pode-se verificar isso pelas diferentes maneiras de andar, falar, pela roupa, pelo corte de cabelo, pela música que essas pessoas estão ouvindo ou cantando etc. Essa breve análise serve, também, para vincular a cultura ao local. Apesar de trabalharem em um mesmo local, essas pessoas têm uma cultura e uma identidade pertencente a uma outra realidade, seja ela de seu bairro, sua família, seu clube e, enfim, onde essas pessoas vêem um significado em suas ações e reações culturais independentemente se esse local é próximo de sua moradia. Isso é muito interessante, porque assim, conclui-se que a cultura de uma sociedade só é alterada pelas mudanças de atitudes das classes, ou seja, quando as diferentes manifestações culturais com identidades particulares conseguem se aglutinar e formar novos significados na sociedade.

Isso se chama fenômeno cultural, que não é nada mais que a representatividade cultural de uma sociedade, e um país como o Brasil está repleto de transformações, movimentos e finalmente, de fenômenos culturais.

Deve-se saber que esses fenômenos culturais, segundo Daolio (1997), têm influência direta também na escolha do movimento humano, que se caracteriza por estilos que estão à mercê dos tempos em que estes se enquadram, ou seja, o movimento humano, além de estar relacionado à sua comunidade, também se relaciona com o tempo, pois se for feita uma investigação da representatividade de algo relevante na década de 70, hoje pode não representar nada para o povo brasileiro. Da mesma forma, um movimento que há anos atrás nada representava, hoje pode dizer algo que, para a cultura do País,

tenha significado até mesmo como um fenômeno cultural e que faz parte da identidade de uma comunidade, sociedade e nação.

Todos os homens têm uma identidade que recebem dos diversos grupos em que vivem. E cada sociedade busca fora e, sobretudo, dentro de si mesma (na sua fantasia, nos seus mitos e ritos, crenças e valores) as fontes de sua identidade.

Nas sociedades tribais e tradicionais, as fontes da identidade social têm sido dadas pela língua, pela música, pela comida, pela natureza em geral e pelos parentes e amigos. (DA MATTA 1996, p. 104)

É dessa maneira que os fenômenos culturais, que refletem a identidade do seu povo, estão presentes em todas as formas possíveis na sociedade brasileira; seja na sua culinária com o “feijão com arroz”, seja em sua música popular (principalmente o samba), nas telenovelas, na adaptação de outras manifestações como a capoeira e o jiu-jitsu ao nosso “jeito”, no carnaval e finalmente nas manifestações esportivas como a maior de todas do País: o futebol.

5. FUTEBOL

5.1 FENÔMENO CULTURAL

O futebol pode ser considerado um fenômeno cultural brasileiro porque constrói uma sociabilização em torno dele, fazendo com que o esporte torne-se um evento social seja na hora de praticar, seja na hora de assistir a uma partida ou um programa, seja na hora de torcer. Transforma, com seus símbolos, até a maneira de agir, de pensar e se expressar de uma sociedade (e porque não de uma nação) dando formato a uma identidade social. Como modalidade esportiva, tem uma representação social muito forte, se comparado às outras como o tênis, por exemplo; pois não há tanta interferência de outros esportes na vida cotidiana do brasileiro; não recebendo, como no futebol, tamanha importância e um número tão grande de investimentos, veículos de comunicação, e pessoas envolvidas. Um bom exemplo disso é o modo de falar do meio futebolístico que está sendo usado em várias áreas do cotidiano: Aquele carro é "show de bola". O Presidente "marcou um golaço" fechando esse acordo.

Essas gírias são utilizadas por todos, mesmo por aqueles que não são torcedores fanáticos. O fato é que essas expressões foram incorporadas pela sociedade brasileira, tendo claro significado no cotidiano de todas as pessoas. (DAOLIO, 2000, p. 138).

Esse forte traço de identidade social que é próprio das manifestações culturais se reflete no futebol, principalmente em época de copa do mundo, pois o brasileiro se emociona com os jogos, mensagens e símbolos que são passados pelos jogadores; vive o momento como se suas atitudes, mesmo aqui no País, fossem importantes para o bom desempenho do "País" na Copa, seja lá em que parte do Planeta for. E nesse caso, até os que não costumam acompanhar o futebol, acompanham essa manifestação indo com os amigos em bares, reuniões etc.

Essa integração social que o futebol traz, faz parte da cultura brasileira e Toledo (1996) afirma que o mundo do futebol tem ingredientes de integração

social como a oposição, apoio, vitórias, derrotas e conflitos que saem das “quatro linhas” e estão presentes nas atitudes dos brasileiros, desde uma decepção quando “o seu time” perde até em discussões e brigas onde que cada um quer provar para o outro que o seu time de coração é melhor. Esta necessidade de contato social, afiliação à grupos e identificação com pessoas de comportamentos e atitudes semelhantes é uma particularidade da cultura brasileira. Da Matta (1996) afirma que em outros países a identidade é dada pelas construções civis, como os prédios, igrejas, teatros etc. Já a do brasileiro está intimamente ligada às manifestações culturais do cotidiano, como a praia, a mesa de bar, a feijoada do domingo, o futebol e outras.

As manifestações em torno do futebol são vistas tanto em clubes, bares, em uma simples conversa entre amigos na rua ou até mesmo na compra de inúmeros acessórios para o praticante ou torcedor de futebol.

Hoje há até lojas especializadas somente em futebol, que vendem desde um chaveiro com o logotipo do time ou a carinha do jogador estampados, bolas, chuteiras e até os agasalhos de frio de equipes do futebol estrangeiro. No comércio, a oferta de acessórios para a prática ou para a torcida de futebol anda movimentando muitos investimentos haja vista à quantidade de modelos, marcas e a variedade desses produtos ligados à modalidade.

[...] a Nike, empresa americana de material esportivo que patrocina [...] a Seleção Brasileira de Futebol, investe seus esforços de propaganda e comercialização. As cifras envolvendo os seus contratos com clubes e empresas ajudam a dirimir qualquer dúvida sobre os vínculos entre o futebol e os homens de negócio. (CARRANO, 2000, p.108)

Outro ponto importante do futebol relacionado aos grandes investimentos financeiros “fora das quatro linhas” é a mídia, que investe e tem lucros com a nossa cultura futebolística, uma vez que a quantidade da programação das emissoras de TV direcionadas à modalidade em comparação às outras é muito superior no que tange o assunto mídia, não se pode deixar de lado a quantidade de comerciais de TV onde a prática da modalidade é explorada.

Esse mundo comercial que se formou em torno do futebol também traz uma quebra de paradigmas sobre a idéia de que para obter sucesso é preciso estudar; ser bonito, ter lastro etc.

Oliveira (2000, p. 68), afirma que em “... *um dos principais circos do capitalismo atual, o futebol, desobediente, consagra negros, pobres, sul – americanos e africanos, e os torna ricos e famosos.*” Querendo dizer que hoje em dia, na maioria dos casos, não há preconceitos econômicos de raça, cultura, credo que tenham força de impedir que um atleta consiga um melhor rendimento e até que atinja um grande sucesso dentro de campo como no início e no decorrer da história do futebol brasileiro.



Figura 1: Ronaldo, jogador que foi pobre na infância e que se tornou uma pessoa bem sucedida por meio de seu notável desempenho no futebol. Fonte:

www.terra.com.es, 2004.

Isso reforça mais ainda a questão de que o futebol é um fenômeno cultural, pois dá chance às pessoas das mais diferentes origens e classes sociais se vincularem e se destacarem em uma das manifestações que mais move o País, assim como o carnaval e a música popular.

Além de tudo, o futebol, sempre participou dessa grande manifestação cultural do País. Um recente exemplo é a música do grupo de Pop Rock Nacional, Skank (Uma partida de futebol). “Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?” Essa frase da música relata o sentimento de milhares de brasileiros chegando a ter coro em apresentações da banda. E não é só nas letras das músicas recentes como, por exemplo, a música intitulada “Eu quero ver gol” do grupo O Rappa, que o tema futebol se insere. O futebol como tema ou inspiração para as representações da cultura musical do País vem sendo adotado, segundo TOLEDO (1996) desde 1926. Esse dado consta de uma pesquisa onde são mencionadas as mais importantes músicas que se referem ao tema:

- A prole do bebê número 3 (Vila Lobos), 1926.
- O V da vitória (Lamartine Babo), marcha, 1942.
- O Brasil há de ganhar (Ari Barroso), samba, 1950.
- Siri jogando bola (Luiz Gonzaga/Zé Dantas), coco, 1956.
- Bom tempo (Chico Buarque), 1968.
- Prezado amigo Afonsinho (Gilberto Gil).
- Meio de campo (Gilberto Gil), 1973.
- Domingo (União da Ilha do Governador), samba-enredo, 1986.
- Futebol (Chico Buarque), 1991.

Músicas que também são parte integrante e importantíssima de outra cultura de massa e da massa que é o carnaval e que na sua representatividade, seja nas músicas de samba enredo, seja nas músicas de blocos ou marchinhas o tema futebol sempre está presente.

Também, em se tratando dessa manifestação tão importante como o carnaval, é impossível não reiterar que o futebol é um tema muito desenvolvido entre as escolas de samba que dão seu brilho todo ano no período da maior festa popular do Brasil.

Então o futebol, as artes, a música, o carnaval, a culinária são, enfim fenômenos culturais e estão espalhados pelo País como também, outras formas de manifestações culturais como o “hip-hop”, o “rap nacional”, a “música sertaneja”, os “rodeios” (festas do peão), os “bailes funks cariocas”, as “manifestações religiosas” (como a ida até Aparecida do Norte em Corpus Christi ou a representação teatral da Paixão de Cristo), finalmente, fazem parte de toda uma complexidade cultural brasileira. Essa observação sobre a oferta de cultura(s) aqui do Brasil é totalmente relevante porque a formação de uma identidade cultural é feita de escolhas; portanto nem todos os indivíduos de uma comunidade estão destinados a obrigar-se a apreciar tais tipos de música, religião, festas, ou no caso do futebol, a própria modalidade esportiva e até mesmo ter “amor” pelas “cores” de um determinado clube, cedendo às mais distintas influências que pode haver acerca de tais escolhas.

Identidade é uma escolha relativa entre coisas: gosto de café, não de leite; adoro peixe, não carne; sou Fluminense, não Flamengo; amo o carnaval, detesto os comícios etc. Ela também é um mimetismo planejado: sou “X” e não “Y” ; estou com fulano e não com sicrano. Trata-se de uma escolha na qual se busca parecer com uma coisa para ser diferente de outra coisa. Sendo Fluminense, sou muito diferente dos flamenguistas... (DA MATTA, 1996, p. 105)

6. TORCIDAS

6.1 UMA PAIXÃO CULTURAL

Daolio (2000) sugere que ao nascer, um menino recebe um nome e também um time de futebol para torcer desde esse dia até o fim de sua vida.

Dizer que uma pessoa já nasce torcendo por um clube é uma forma exagerada de afirmar que uma pessoa finalmente está construindo uma identidade cultural só sua, pois quando a criança nasce, não tem bagagem cultural para se identificar com algum clube, e sim, vai sendo bombardeada dia a dia, mês a mês, ano a ano por parentes, familiares, amigos tentando influenciar nessa escolha. É interessante ver festas de aniversário de um ano de idade ter como tema de decoração as cores, símbolos e mascotes de um determinado clube de futebol e mais interessante ainda, ver após alguns anos, essa criança (agora rapaz) torcendo pelo clube rival. É até bonito...

A escolha por um clube de futebol passa não só por influências dos seus próximos, mas também pela busca de uma identificação com algum signo, símbolo, simpatia por um determinado atleta ou por alguma atitude deste; viaja pelo momento de sucesso ou insucesso da equipe (sem determinar que somente as vitórias de uma equipe influenciarão na escolha) e finalmente a pessoa vai colocar o nome do seu clube não em seus documentos, mas em sua identidade.

Segundo Morato (2003), as cores do clube se confundem com a identidade do torcedor. Se uma pessoa pode ser reconhecida por suas características físicas e/ou comportamentais, também pode, e porque não com mais confiabilidade, ser reconhecida pelo clube de seu coração? Seu físico e suas atitudes, em tese, podem mudar com o tempo, mas essa pessoa dificilmente "virará casaca"¹.

¹ O termo virar casaca ou virar a casaca é utilizado pelos torcedores para se referir à mudança de sua preferência por um determinado clube de futebol; assim como também é utilizado o termo virar bandeira ou virar a bandeira.

[...] o rubro-negro, o pontepretano, o cruz-maltino etc. Estas descrições o acompanham durante toda vida, pois dificilmente um torcedor de futebol troca de time, diferentemente de outros esportes [...] (MORATO, 2003, p.15).

Pesquisa realizada por Toledo (1996) delata a grande influência dos grandes times (principalmente das capitais) na escolha do time de coração de uma pessoa. Não é por que uma pessoa nasceu em Campinas que escolherá o “Bugre” ou a “Ponte” como time de seu coração. As escolhas vêm a partir das influências citadas anteriormente. É por isso que em muitas cidades pequenas, a maioria dos torcedores não torce pelo time local, e sim pelos clubes que são da elite do futebol, como os da Capital de São Paulo.

Também é evidenciado por Morato (2003) e Silva (2001) que os torcedores de clubes de futebol torcem por todas as modalidades em que atletas defendem as cores do clube: voleibol, basquetebol, as modalidades olímpicas como o atletismo e até mesmo as lutas são alvo do amor e da rivalidade entre torcedores de clubes de futebol.



Figura 2: Manchete do caderno de esportes do jornal Diário do Povo (Campinas) evidenciando a rivalidade entre a “Ponte” e o “Bugre” em outra modalidade esportiva (2004). Fonte: Eduardo Caruso, Jornal Diário do Povo, 22 de Julho de 2004

6.2 OS TORCEDORES E AS TORCIDAS

Para discorrer sobre quem são os torcedores ou o que é o fenômeno “torcida” é importante deixar claro o conceito mais simples que define a torcida como o coletivo, massa ou grupo de torcedores. Então, quando aparecerem as palavras torcida(s) e torcedor(es), deve-se interpretá-las como tendo um significado só, pois da mesma maneira que uma massa (torcida) representa os anseios de um grupo de torcedores, a manifestação isolada de um torcedor pode representar emoções e anseios dessa massa, por exemplo: um objeto jogado dentro do campo por um torcedor pode representar o desejo de uma imensa torcida de acabar com o jogo da maneira mais agressiva possível pelo simples descontentamento ora com o time, ora com a arbitragem etc. Também é preciso definir quais são tipos e características desses torcedores ou dessas torcidas, pois apesar de torcerem por um time ou pela seleção brasileira, cada torcedor é na verdade um ser humano e terá uma conduta própria independentemente da sua preferência clubística.

6.3 TIPOS DE TORCEDORES

Nem todos os torcedores têm uma conduta e tampouco um comportamento que sejam muito parecidos. Uns mais exaltados que os outros; uns mais provocativos que os outros etc. Se Daolio (1997) vê o cenário do futebol brasileiro como um retrato da sociedade e o torcedor como a figura do homem brasileiro, é apropriado convir que cada um tem uma história de formação particular desde o caráter até as atitudes, embora esse homem viva dentro de uma mesma sociedade e, em se tratando de sociedade, não se pode esquecer as diferenças sociais, que ajudam muito nessa formação e transformação do cidadão.

Essas características é que definem os tipos mais comuns de torcedores dos clubes do futebol brasileiro: Torcedores “espectadores”, (Reis,1998);

“torcedores não organizados”, (Morato, 2003); “torcedores comuns”, (Toledo, 1996); “torcedores Organizados”, (Toledo, 1996; Pimenta, 1997).

6.4 O TORCEDOR SIMPATIZANTE OU TORCEDOR NÃO-PRATICANTE

O torcedor simpatizante tem como característica principal a sua ausência nos estádios.

Devido a uma série de fatores como, por exemplo, a violência dentro e fora dos estádios, há um tipo de torcedor que se reúne, ou não, com os colegas (até do time rival) para assistir aos jogos pela tv, e se preciso for, compra a transmissão desses jogos no “Pay-Per-View” da sua TV por assinatura, o que sai até mais barato para o grupo que ir ao campo.

Esse torcedor em geral é da classe média e em “eventos” como esse, os amigos estão uniformizados, bebem cerveja e gritam, enfim, torcem como se estivessem no campo e eventualmente vão aos estádios, mas costumam sair antes da partida acabar.

Reis (1998) diria que esse tipo de torcedor se enquadra na linha dos “espectadores”, já Morato (2003), prefere encaixar esse torcedor no grupo dos “torcedores não organizados”. Se o torcedor simpatizante ou não-praticante é um novo conceito de torcedor, a idéia é que ele é um apaixonado pelo seu time; e dedica boa parte de suas conversas acerca dessa paixão. Se e ida aos estádios não é o “forte” do torcedor simpatizante, este obtém outros meios de se fazer representar; seja na participação em programas de rádio e TV, seja pela internet, bombardeando os websites dos clubes, pressionando os técnicos, atletas e até a diretoria, seja filiando-se a uma torcida organizada etc.

[...] a freqüência aos estádios declina consideravelmente. Fatores não somente como a pobreza, a má qualidade dos espetáculos, a violência, mas também a popularização de outras modalidades esportivas, contribuíram para o afastamento do torcedor. (TOLEDO, 1996 p. 35)

6.5 O TORCEDOR COMUM

O torcedor comum é aquela pessoa que tem preferência por um time de futebol e que se faz presente em estádios quando o seu time está jogando. Toledo (1996) diria que esse torcedor vai ao estádio como um espectador que quer ver o jogo, geralmente fica sentado (em lugares isolados das torcidas organizadas, pois é o que lhe resta). Não entende o ato de torcer como um compromisso obrigatório, mas tenta comparecer para participar do “espetáculo”. É um torcedor que nem sempre grita e pula, mas reza, vai a campo com seu amuleto de sorte que pode ser o seu velho radinho de pilha, aquele tênis e até aquela “cueca da sorte”. Também gosta de acompanhar as discussões acerca do futebol pela TV em programas esportivos e as famosas “mesas redondas”, onde participam as figuras do futebol como atletas, cronistas, árbitros etc.

6.6 O TORCEDOR ORGANIZADO

O torcedor organizado vai ao estádio fazer parte do espetáculo, ficando às vezes até de costas para o jogo, agitando e incitando os seus, gritando, puxando a bateria, abrindo bandeiras enormes (tendo até que ficar embaixo dela sem ver o jogo) etc. Na verdade, o jogo torna-se um coadjuvante ou até um meio para a manifestação de sua simbologia. Outro ponto importante que diferencia este dos demais é que onde houver jogo do seu time, ele vai. Os torcedores organizados fretam ônibus para estarem presentes em qualquer parte da América Latina, e se for preciso ir a “Tóquio”, negociam passagens de avião com as agências responsáveis.

Esse torcedor é filiado a uma entidade não ligada oficialmente ao “clube de preferência”, mas que se faz representar não apenas dentro do estádio com seus gritos de guerra, camisetas, bandeiras, fogos e até um local “reservado” na arquibancada (de preferência na frente das câmeras principais da TV).

“Fora das quatro linhas”, as torcidas organizadas também têm uma representatividade. Seja nos treinos (torcedores vão aos centros de treinamento de futebol dos clubes apoiar e também pressionar a equipe), seja em seu modo cultural, em seu comportamento, seu(s) dialeto(s), - “sou Gavião, mano” -, enfim: seus símbolos; na pressão que esse grupo exerce nas decisões que são tomadas pela direção do clube etc. É por isso que Toledo (1996) afirma que as “Torcidas Organizadas” têm muita influência nas decisões da diretoria de seu clube desde as contratações e demissões de jogadores e técnicos, até mesmo na eleição dos seus dirigentes.

De acordo com Pimenta (1997), a maioria desses torcedores coloca a torcida organizada em um grau de importância mais valoroso que o próprio clube de futebol. Essas facções aos olhos desse torcedor têm um quê de comunidade; têm uma identidade e até uma função representativa na sociedade. Estão intimamente envolvidas no convívio social; por exemplo, Torcidas Organizadas como a Gaviões da Fiel são Escolas de Samba, com quadra, estatuto e tudo o mais.



Figura 3: Torcida Gaviões da Fiel (manifestações no estádio do Morumbi). Fonte: www.gavioesdafiel.cjb.net

Toledo (1996), define essas agremiações como determinadoras de um "Estilo de Vida", mas exalta a diferença dessas para com os grupos como os *skinheads* e os *neonazistas* por não possuírem uma ética e uma ideologia fortes a ponto de restringir a entrada de membros por motivos culturais, raciais, patrióticos etc. Em uma Torcida Organizada, basta o sujeito se afiliar independentemente de sua classe econômica, sua cor de pele, sua religião, sua preferência musical; é bem-vindo, desde que torça pelo mesmo "time".

Sócio novo / recadastro	
Você que quer se tornar sócio dos Gaviões ou atualizar seu cadastro antigo, preencha o formulário abaixo.	
Nome Completo:	<input type="text"/>
E-mail (se tiver):	<input type="text"/>
Nº de sócio:	<input type="text"/> (p/ recadastro)
Telefone c/ DDD:	<input type="text"/> Cel: <input type="text"/>
<input type="button" value="Enviar"/>	
<input checked="" type="checkbox"/> fechar	

Figura 4: Ficha de Inscrição da Torcida Gaviões da Fiel via internet. Fonte: www.gavioes.com.br

Toledo (1996), pesquisando sobre violência das torcidas de futebol, encontrou relatos do início do século XX apontando que torcedores do Andaraí (RJ) chegaram a seqüestrar jogadores dos times adversários. Esses torcedores se organizavam e se armavam, arriscando sua própria vida pelo amor ao seu "time de coração".

Estas pesquisas vêm mostrar também que as torcidas (organizadas ou não) usam de seu poder de grupo para ativar suas emoções como a paixão e o

ódio utilizando os mais diferentes modos e, infelizmente, a violência é uma maneira de extrapolar os sentimentos de uma sociedade, que usa o ato de torcer como álibi para essa violência.

Pimenta também tem uma opinião parecida sobre as manifestações socioculturais das torcidas diante da visão de que o corpo humano pode ser utilizado como gerador de movimento de massa:

No contexto futebolístico, as "Torcidas Organizadas" nas feições atuais nascem como um mecanismo de pressão perante o clube e como um componente ativo do jogo de futebol; gradativamente, ganham corpo, assumindo um espaço cada vez maior para suas manifestações nos estádios e na sociedade. Necessariamente, passam pela busca de autoafirmação, do poder, das transgressões das regras sociais convencionadas, da violência como elemento de superioridade, etc. (Pimenta, 1997, p.53).

Organizado ou não, praticante ou não, supersticioso ou não, no campo ou em bares, dentro de suas casas etc, esse torcedor transforma-se em torcida, e essa sim tem uma representatividade "dentro e fora das quatro linhas". É essa que faz as "pernas do jogador tremerem". É essa que apóia ou vela um atleta ou um técnico. É essa que agride até o patrimônio do próprio clube, mas que, quando o seu "time" vence, seu "importantíssimo" integrante, o torcedor diz: - "eu ajudei o meu time!".

7. STRESS

Para se fazer um estudo sobre como as torcidas podem influenciar na vida esportiva do atleta de futebol, é preciso nortear, primeiro, quais são estas possíveis influências e em seguida, as atitudes e reações comportamentais dos atletas. Tendo essas noções como ponto de partida para o estudo, pode-se analisar qual a representatividade destas influências para o jogador como ser humano, acerca da psicologia moderna (psicologia cognitiva) e mais, ver como se relaciona cada estímulo com suas diferentes reações.

Se o ser humano age e reage de acordo com o meio ambiente, as dificuldades e facilidades desse meio serão muito importantes para uma análise comportamental. E se forem identificados o sujeito (atleta) e o meio (futebol) pode-se compreender a complexidade das arestas que delimitam as demandas psicológicas e das quais todos os seres humanos, atletas ou não, estão sujeitos.

Independentemente da pessoa, o meio ambiente em que vive irá cercá-la de fatores socioculturais que alteram o seu “equilíbrio” psico-biológico, tendo como resultados, atitudes e reações nem sempre condizentes com a sua própria identidade, e mais: com a cultura do meio em que vive. Esta afirmação terá significado desde que se saiba quais e de onde são provenientes estes fatores socioculturais.

Uma aresta fundamental dessa análise comportamental é a relação que o stress tem com o homem, pois o stress nada mais é que um desequilíbrio emocional desencadeado por estímulos exógenos ou endógenos (fatores estressores), que levam a diferentes reações.

Para Monahain (1986), o termo stress se refere ao conjunto das reações metabólicas e viscerais provocadas por agentes agressores variados, que põem em perigo o equilíbrio de uma pessoa. Tendo este conceito em mãos, é importante ressaltar que a ansiedade é considerada aqui como um item emocional consciente e que não é necessariamente prejudicial. Sendo assim, as respostas e reações fisiológicas provenientes das emoções poderão ser positivas ou negativas, o que

será discutido nos próximos tópicos deste capítulo, principalmente no que tange o âmbito do rendimento desportivo.

7.1 ANSIEDADE

É uma emoção precedida por um fator estressor. O evento pode, ainda, nem ter acontecido, como por exemplo em uma véspera de uma competição ou jogo difícil, mas já se caracteriza como fator estressor, e este é percebido subjetivamente e diferentemente de pessoa para pessoa.

A ansiedade pode servir como motivação ou levar a um grande desequilíbrio emocional como, por exemplo, a auto-estima; sendo lesiva no desempenhar de uma simples tarefa.

De acordo com Samulski (1995), ansiedade pode ser dividida em duas vertentes, a ANSIEDADE de TRAÇO e a ANSIEDADE de ESTADO:

7.2 ANSIEDADE de TRAÇO

Pode-se dizer que a pessoa é ansiosa independentemente da situação, pois o indivíduo tem uma pré-disposição para interpretar e perceber o agente estressor como fonte de perigo e ameaça mesmo quando não há uma objetividade na ameaça ou perigo pelo estressor. Esse tipo de ansiedade é de caráter da personalidade da pessoa e é construído conforme a sua jornada e os acontecimentos pelos quais este indivíduo tem passado ao longo de sua vida. Quanto maior o Traço dela, maior será a percepção (subjetiva) dessa emoção.

Nesse caso, o nível de ativação (arousal) é alto constantemente, como a ansiedade de estado, o medo e as outras reações estarão em um nível alto também.

As dimensões da ansiedade de traço relacionada ao esporte podem ser assim entendidas:

Ansiedade de lesão física, de fracasso, competição e do desconhecido. (HACKFORT & SHWENKMEZGER apud SAMULSKI, 1995, p. 332).

7.3 ANSIEDADE de ESTADO

Pode-se dizer que a pessoa “está ansiosa”, pois depende da situação a qual ela se depara.

Atkinson (2002), defende que esta pessoa não tem uma predisposição para ter ansiedade, ou seja, tem um maior controle emocional em relação às que possuem ansiedade de traço.

Por outro lado, Samulski (1999), apoiado em Spielberger (1989), defende que a ansiedade de estado é uma reação emocional a um estímulo estressor, quando esse é interpretado como perigoso ou ameaçador, mesmo quando o perigo não é real e objetivo, portanto é preciso avaliar a percepção individual, pois as situações frustrantes também levam a essa reação emocional.

Isto quer dizer que apesar do indivíduo não ter uma pré-disposição para estar ansioso, tendo um controle emocional mais tolerante ao medo e aos seus agressores, também ficará ansioso se o seu momento particular for propício a uma grande sensibilidade à estes estímulos agressores.

A ansiedade está intimamente ligada a emoções e estresse e em ambas (TRAÇO e ESTADO), há um nível de estresse relevante e que pode ser benéfico ou maléfico.

Segundo MC Kay et alli (1999), a medida que o atleta adquire uma experiência de controle emocional, tende a estabelecer os mecanismos ou as habilidades psicológicas necessárias para uma adaptação melhor ao enfrentar o stress, pois o grau elevado de ansiedade está relacionado com a piora do rendimento do esporte.

Essa afirmação é comprovada pela pesquisa realizada por Giacobbi (2000) com jogadores de tênis, indicando que os praticantes da modalidade com grau elevado de ansiedade não têm uma boa desenvoltura em suas habilidades, mas os que foram treinados mentalmente com acompanhamento psicológico

tiveram êxito em lidar com sentimentos da falha e, ao mesmo tempo, a tolerância ao medo e a frustração foi reduzida.

7.4 NÍVEL DE ATIVAÇÃO – AROUSAL

No esporte o nível de ativação (arousal) é muito importante, pois está diretamente relacionado à performance do atleta.

Este nível de ativação é, segundo Samulski (2000), movido pela ansiedade e é diferente e individualizado, ou seja, o mesmo fator estressor leva atletas a diferentes níveis de ansiedade e por fim, diferentes níveis de ativação, por exemplo, uma vaia da torcida para a equipe toda pode elevar o arousal em uns e baixar em outros.

Essa ativação (arousal) vai desde quando o indivíduo acorda, que é mínima, até quando esse indivíduo está em um momento de competição final, que deve ser próxima da máxima.

Weinberg & Goud (apud Samulski at alli, 1999 p.168) apostam na teoria do U invertido para explicar na prática como o arousal depende da ansiedade. Como as respostas aos estímulos estressores são individuais, mesmo em uma situação de muita ansiedade, o arousal não tende a seguir em níveis altos. Essa ansiedade em nível alto é tida como fator de queda de níveis de arousal e assim, queda das respostas fisiológicas, físicas e enfim biomecânicas, comprometendo os atletas na realização de suas tarefas. Em contrapartida, baixos níveis de ansiedade podem gerar níveis ótimos de arousal em pessoas mais sensíveis a estímulos estressores, sendo esses, mesmo pequenos em comparação aos demais, totalmente suficientes. Isto está relacionado diretamente à assimilação da ansiedade e o nível de ativação de cada sujeito ocasionando, portanto diferentes níveis de stress.

7.5 TIPOS DE STRESS

Um nível ótimo de stress só pode ser desejado se isso ocasionar uma melhora no rendimento de um atleta, isso porque o stress no âmbito esportivo deve ser entendido como um fator de dois caminhos distintos. Um para o lado bom e o outro para o lado ruim, pois o fator estressor leva o atleta a um nível de stress que pode estimular o mesmo positiva ou negativamente, chegando a ter definições do quanto um stress é bom ou ruim para o desempenho de alguma atividade (esportiva ou não). Esses níveis de stress são chamados EUSTRESS e DISTRESS.

7.6 O EUSTRESS

Pode também ser chamado de stress positivo ou stress bom.

Se um fator estressor gera uma ansiedade em um nível ótimo (que varia de pessoa para pessoa) causa também a ativação em cadeia, ou seja, ocasionará ações competentes, preparando o indivíduo para atividade explosiva, tendo um alto nível de ativação e por conseqüência, altos níveis de atenção, motivação, estado ótimo de alerta e por fim, fisicamente estimulando-o.

7.7 O DISTRESS

Pode ser chamado de stress negativo ou stress ruim.

Se o fator estressor não torna o nível de ansiedade suficiente ou ultrapassar os limites de assimilação da pessoa, a ativação não será suficientemente boa e, em sua cadeia, causará ações incompetentes.

Brandão (2000) analisa as reações ao distress no âmbito esportivo citando os seguintes sintomas:

FÍSICOS: aumento da Frequência Cardíaca; sudorese, respiração ofegante, musculatura tensa, boca seca, etc.

MENTAIS: medo, ansiedade, perda de concentração e atenção, indecisão, perda de controle emocional e aumento de agressividade.

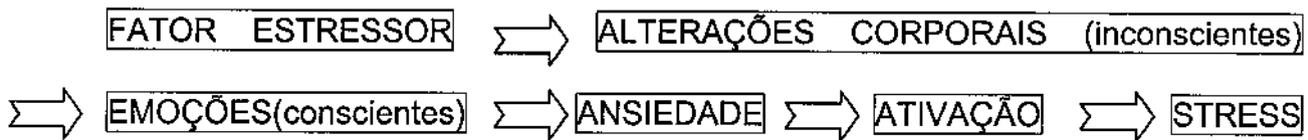
COMPORTAMENTAIS: falar rapidamente, maneirismos nervosos e irradiações de movimentos.

Essas respostas ao stress são ditas fisiológicas, físicas e comportamentais e podem ser negativas ou positivas. As negativas surgem de acordo com a percepção de ameaça, o que seria uma ansiedade em nível ruim, preocupação e medo como a autora cita acima e também problemas somáticos como diria Atkinson (2002). Já as respostas positivas vêm de acordo com o nível de desafio otimizado (ativação), o que seria uma ansiedade em nível bom, ocasionando um ótimo nível de arousal.

7.8 PERCEPÇÃO DO STRESS

O organismo reage, nesse caso, nos campos biológico, psicológico, social e afetivo, ou seja, essas reações têm influência direta nas ações humanas. Essa afirmação, se for passada para os estudos da psicologia do esporte, denota características tanto sociais e gerais quanto particulares e individuais nos atletas, podendo seguir os pensamentos de Goud & Krane (1992), que ao analisar (e estudar) o stress no esporte resumiu o mesmo em quatro aspectos, baseando-se no modelo de MC GRATH:

Seqüência de eventos que levam a um comportamento específico:



O processo de stress no esporte é cíclico:

No meio ambiente do esporte, a vitória e derrota, estar atrás ou a frente são situações que ocorrem a todo tempo e são tipos de fatores estressores que trazem as mais variadas responsabilidades em momentos distintos.

O stress pode ser avaliado tanto de forma negativa quanto positiva:

Dependendo do nível de ativação, as emoções são de cunho benéfico.

A ênfase é colocada não somente na situação, mas fundamentalmente na percepção subjetiva do atleta de tal situação:

O momento pessoal (motivação, contusões etc) do atleta muda a todo instante, portanto a percepção e assimilação do atleta a um fator estressor não é a mesma a todo o tempo.

As pessoas não se submetem aos estímulos do meio ambiente passivamente, mas sim concedem a estes uma importância pessoal (...) do stress. (SMOLL & SMITH apud SAMULSKI, 1989, p 163).

Jones (1995) diz que se o atleta percebe o stress e consegue controlá-lo, ele interpreta o stress como facilitador, já o atleta que não tem o controle do stress, interpreta o stress como um debilitador. O fato do atleta não ter o domínio do stress (não saber lidar com o estímulo estressor) aumenta muito a ansiedade, insegurança, baixando a autoestima, a autoconfiança e o autocontrole. Em suma, a interpretação ou a preparação para a assimilação do stress é individual e otimizará ou comprometerá os níveis de ansiedade e por conseqüência desencadeará níveis bons ou ruins de ativação (arousal) para o desempenho de tarefas do esporte.

7.9 FONTES DE FATORES ESTRESSORES PARA OS ATLETAS

Brandão (2000) em sua pesquisa relacionada com o stress em atletas de futebol fez uma coletânea dos fatores estressores mais comuns no esporte de rendimento. São eles:

- Aspectos da modalidade e da competição;

As modalidades esportivas variam em muitos aspectos; podendo ser individuais, coletivas, envolvendo mais a força ou a técnica, etc. As competições também variam, desde o seu calendário, sendo algumas semestrais ou até anuais (geralmente as de esportes coletivos), até as que duram apenas um ou dois dias (geralmente as de esportes individuais) Também há as distribuições em etapas ao longo do ano como os “jogos regionais” e “abertos”, por exemplo. Outro aspecto é variabilidade no sistema, havendo inúmeras formas como pontos corridos (campeonato brasileiro de futebol 2003) ou sistema classificatório para “play-offs” (campeonato brasileiro de futebol 2000).

- Expectativas;

As expectativas são totalmente relevantes em um período de competição, pois se o atleta não obtém o êxito desejado (conscientemente) fica abalado psicologicamente. Fica estressado.

- Relacionamentos intra e interpessoal;

Para que haja uma harmonia nos treinos, jogos etc, é preciso que o atleta esteja de bem consigo mesmo e com os seus companheiros de equipe desde outros atletas até a equipe de preparação, bem como depositar confiança em ambos.

Um time de futebol “doente” e em desequilíbrio interno, é sério candidato à derrota e, conseqüentemente, ao aumento do stress. (BRANDÃO 2000, p. 3)

- Exigências e limitações físicas;

As exigências físicas de uma modalidade esportiva requerem um nível de treinamento e de competitividade muito altos fazendo com que o jogador trabalhe sempre no seu limiar, o que proporciona riscos como o de overtraining, da mesma maneira que as contusões e lesões no corpo do atleta alteram a performance.

- Torcida contra e a favor;

As torcidas contra, no mínimo fazem barulho (fazendo com que caia a atenção e a concentração). Por outro lado, as torcidas a favor pressionam os atletas a ponto de invadirem os vestiários dos clubes para tirar satisfação de uma derrota da equipe e chegam até a demitir treinadores (técnicos) e jogadores de futebol e mesmo quando estão presentes em campo para apoiar seu time, pressionam alguns atletas de forma negativa.

Estes fatores estressores são importantes para se saber que os atletas são tomados por altos níveis de stress e, também, que estes fatores podem se interligar, pois com uma demanda de fatores estressores diários a torcida tem um papel importante como fator estressor, pressionando ainda mais os atletas. Sem esquecer, é claro, do fato de que os fatores estressores não estão ativos somente na hora de uma partida ou no momento de uma competição.

Para Samulski (1990, 1981) essas situações de stress vão além das situações de jogo. Elas transcendem o jogo e ocorrem fora dele, antes, durante e depois dos jogos e das temporadas de competições.

Sendo assim, o atleta tem os mesmos olhos tanto para as contusões quanto para as torcidas, mesmo em uma pré temporada ou até em um período de

férias pois para um bom desempenho, o nível de stress deve ser ótimo para o seu dia a dia (mais que o de atleta, o de “ser humano”).

8. INFLUÊNCIAS DAS TORCIDAS

Para estudar as influências das torcidas no desempenho de atletas é preciso indicar uma direção ao estudo para que o objetivo não fique obscuro.

A primeira é de que as influências serão vistas aqui como fatores desencadeadores de ansiedade e stress.

A segunda é “as relações dos atletas com o meio”, uma vez que há outros fatores que estressam os atletas relacionados indiretamente com as torcidas, tais como a pressão em cima do técnico, repassada aos jogadores.

Por fim, também é preciso esclarecer que o texto será uma coletânea de casos e estudos em que haja influências de torcida na performance dos atletas, independente da modalidade.

Mas será verdade que existem essas influências? Da Matta (1996) entende que sim, mas de que caráter são as influências desses “ilustres” torcedores?

De fato, não deixa de ser curioso ressaltar que sabemos o nosso papel como torcedores que aplaudem ou vaiam, que amam, odeiam ou são indiferentes aos seus times, pois sabemos como isso influencia o comportamento dos jogadores [...] (Da Matta, 1996, p. 135)

O autor não entra muito em detalhes de como é dada essa ou essas influências. Não está explícita a maneira com que o atleta absorve, sente e lida com isso. Os jogadores de futebol não têm um mesmo protocolo de ações e reações. É esta a chave dos diferentes desempenhos individuais quando os atletas estão à mercê dessas influências.

Brandão, uma das pesquisadoras sobre os fatores de stress em jogadores de futebol caminha mais um pouco e aponta as torcidas como um importante exemplo desencadeador de stress, mas também não afirma se a influência é positiva ou negativa, portanto, como a autora indica, a torcida pode ser um item tanto facilitador como debilitador da performance do atleta.

Fatores como jogar fora de casa (no campo do adversário) com a pressão da torcida adversária pode desencadear níveis de ansiedade nos jogadores e

esses interpretarem essa ansiedade como um problema, gerando distress ou interpretarem como um incentivo, que gera eustress.

O jogador Romário talvez seja o jogador brasileiro que mais saiba tirar proveito do fato de jogar fora de casa. (Brandão, 2000, p. 75)

Se as torcidas exercem influências nos resultados das equipes pela alteração da performance dos atletas, é importante identificar quais são as vias por onde essas influências têm que passar para chegar a pressionar (ser considerada um fator estressor) as equipes causando ansiedade e stress nos jogadores.

Também é importante analisar as características desses fatores estressores em relação aos jogadores, pois como Brandão (2000) afirma em sua tese, as torcidas estão incluídas na classe de fatores estressores que provocam a ansiedade nos atletas. Se estes são os mesmos para todos os jogadores, deve haver algo de diferente entre estes homens para que percebam essa complexidade de estímulos como um evento positivo ou negativo e isso irá mudar de jogador para jogador em virtude da individualidade de cada ser humano, no âmbito da psicologia do esporte.

As pesquisas levam a concluir que o estresse pode afetar o atleta de diferentes formas. Deve-se levar em consideração fatores tais como: idade, sexo, nível de rendimento e modalidade. As técnicas e programas de controle do estresse a ser aplicados também devem levar em conta esses fatores. Atletas jovens, do sexo feminino e com pouca experiência tendem a apresentar valores mais elevados em relação ao estresse competitivo. (SAMULSKI, p 175)

Esta afirmação é que direciona o estudo para a reflexão de como agem a ansiedade (traço / estado), o nível de arousal e finalmente a maneira como o stress é percebido individualmente.

Brandão (2000) e Bandeira (2002) definem essa percepção como avaliação cognitiva e percepção subjetiva que o atleta tem das variáveis que estressam e interferem no rendimento esportivo.

Foi com esta mesma linha de pensamento que CHAGAS (1995, 1996 apud SAMULSKI, 2000) estudou e pesquisou as situações de stress no futebol. A partir da aplicação do instrumento chamado TEP-F (Teste de Stress Psíquico no Futebol) baseado no TEP desenvolvido por TEIPEL (1992, 1993), foram feitas entrevistas com jogadores de futebol para saber mais sobre os estressores inerentes à modalidade.

O que chama a atenção na avaliação dos atletas em relação às influências das torcidas quando apóiam a equipe é que foram consideradas como um agente motivador e na avaliação da performance foi constatada uma significativa melhora do rendimento. Em contrapartida a pressão e uma postura violenta ou negativa das torcidas geram agonia e medo, enfim: emoções de cunho maléfico, intervenientes no rendimento esportivo.

[...] A torcida brasileira é ótima quando o time tá ganhando [...], e que , de fato, muitas vezes atrapalha a performance dos atletas, [...] pegando no pé deste ou daquele jogador [...] (PRADO apud TOLEDO 2002, p. 281)

8.1 INFLUÊNCIA DAS TORCIDAS “ FORA DAS QUATRO LINHAS”

As torcidas além de pressionarem os jogadores no campo, também exercem uma grande pressão fora do recinto da partida. Os torcedores quando tentam apoiar ou cobrar mais empenho por parte do “time” ou até mesmo desapoiar o elenco, fazem isso sem a necessidade de estarem nas arquibancadas. Entrada e saída dos estádios, embarque e desembarque dos aeroportos, centros de treinamento, internet, programas de rádio e TV, jornais etc também são vias de acesso aos “operários da bola”.

Os treinamentos são circunstâncias em que, para além das partidas, em que a presença torcedora é mais significativa, tanto do ponto de vista numérico, obviamente, quanto do ponto de vista simbólico na manutenção da emoção, tensão e participação efetiva no comprometimento com os sentidos atribuídos ao jogo, delinham-se e multiplicam-se outras *performances*, a dos *especialistas*, que levam até os torcedores, no

acompanhamento do cotidiano de seus clubes pelas mídias, os bastidores e os detalhes dos clubes. (TOLEDO 2002, p. 150)

Este item é de suma importância para visualizar a importância da pressão das torcidas nos atletas, nos técnicos, nas diretorias de clube etc. Essa pressão que a torcida exerce fora das quatro linhas é um importante fator gerador de ansiedade. Quando o atleta se vê pressionado ou apoiado fora de seu ambiente de trabalho, fica ansioso no momento em que há a manifestação e também transfere essa ansiedade, para o campo de jogo e se não houver cuidados com essa emoção, a demanda de stress pode ser prejudicial ao seu rendimento.

8.2 PRESSÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

As torcidas organizadas são consideradas como uma potente fonte de fatores estressores para os atletas e ao mesmo tempo são de grande ajuda no apoio dos mesmos. Essa contradição é de cunho emocional e passional, pois estão envolvidas as emoções dos torcedores e também as dos atletas em sua percepção individual.

Nos estádios, as torcidas organizadas fazem um papel de incentivo ao clube. Com seus gritos, cantigas, palavras de ordem, bandeiras e outras manifestações, esses torcedores tentam (ao mesmo tempo em que provocam as torcidas rivais) empurrar e apoiar a sua agremiação.

Isso não significa que alguns atletas se sintam pressionados, ansiosos e enfim, estressados por ter que prestar conta de responsabilidades para com as torcidas organizadas.

Os jogadores têm responsabilidades para o clube, assim como têm para as torcidas organizadas pois eles sabem que sempre estão sendo vítimas das manifestações das torcidas e da mesma forma que as torcidas os apóiam e os valorizam, elas os prejudicam e os desempregam como afirma TOLEDO:

“Estas agremiações torcedoras passam a ter influências na escolha e na demissão de jogadores, técnicos e dirigentes. (TOLEDO, 1996, p. 33)

Sabendo da sua representatividade perante o futebol, as torcidas organizadas chegam a se utilizar das transgressões de conduta social como a violência dentro e fora dos estádios causando, até mesmo, medo aos “boleiros”, técnicos, dirigentes e inclusive nos cidadãos comuns.

Chegam às páginas dos jornais responsabilizadas por inúmeros atos de vandalismo e incidentes graves. (TOLEDO, 1996, p. 33)

8.3 PRESSÃO NO TÉCNICO, REPASSADA AOS JOGADORES

“BURRO! BURRO! BURRO!”

Deve ser muito difícil para os treinadores de futebol quando as torcidas se manifestam “pedindo a sua cabeça”. O pior é que o problema do mau desempenho de uma equipe não está em um detalhe ou em outro e sim em um conjunto de ações e reações que envolvem desde a performance técnica isolada de um atleta até uma decisão tomada pela diretoria do clube, passando pela folha de pagamento do elenco, história do clube, empresários de jogadores etc.

Essa complexidade de fatores externos, internos, sociais e fisiológicos que para SAMULSKI (1991) são os estressores no futebol, não é interessante para uma torcida apaixonada que quer ver o seu time “ganhando”. Se as torcidas agem de modo passional, “pegando no pé” dos jogadores e também dos técnicos, esses últimos têm uma carga de pressão e stress significativa, pois são os diretores da equipe dentro de campo.

SAMULSKI (1989) pesquisando sobre fatores estressores em técnicos de handebol, apontou a pressão externa como um importante fator desencadeador de stress. Essa pressão externa, segundo o autor, é causada em parte pela manifestação das torcidas contra e a favor de sua equipe e também de sua figura.

Esta pressão corre em cadeia na direção dos atletas, pois quando um técnico é pressionado, tende a repassar essa pressão aos seus atletas. Isso não quer dizer que essa pressão não poderá ser encarada como um estímulo para alguns atletas (principalmente os que sabem conviver com as emoções).

Estudando os atletas de futebol, CHAGAS (1995 1996, apud SAMULSKI 2000) concluiu que a pressão que os técnicos exercem sobre os jogadores é uma das causas mais comuns de ansiedade. Uma das respostas do TEP-F que levou a essa conclusão foi a de que as críticas do treinador durante o jogo se enquadram como fator estressor (na qualidade de pressão social), portanto conclui-se que as torcidas pressionando e estressando os técnicos de futebol, causarão ansiedade indiretamente nos homens que lidam com a bola, que ansiosos e/ou estressados, terão seu rendimento alterado, independentemente se o estímulo for ativador ou inibidor na sua relação direta com o desempenho esportivo.

9. CONSIDERAÇÕES

Se um jogador de futebol chega atrasado no treino, além de prestar contas ao treinador, preparador físico e até ao dirigente do clube, ainda se vê cobrado pela torcida, e o pior; se o seu desempenho não vai lá muito bem, a torcida "cai matando em cima" e usa de todos os recursos possíveis chegando até às transgressões das regras da sociedade para pressionar o sujeito.

O estádio, os centros de treinamento, os jornais, a TV, a internet, programas de rádio, enfim; o torcedor faz-se ser visto de alguma maneira e cobra, não só do atleta, mas também dos técnicos e das diretorias o seu melhor e se isso não for o suficiente os demitem.

Não interessa para as torcidas se o clube paga ou não os salários em dia, se os jogadores têm problemas fora do clube (problemas conjugais etc), se estão em transição ou mudança de clube. A relação das torcidas para com os seus times é passional, portanto a pressão, a cobrança, o apoio e o incentivo não virão exatamente na hora certa e nem da maneira correta. O torcedor quer ver o seu time ganhar; não vai respeitar a individualidade do atleta; não quer saber dos problemas dele; quer ver gol!

Esta relação entre os atletas e os torcedores formam um binômio cíclico de stress. Uma má performance de um atleta ou de uma equipe também é um fator estressor para o torcedor, que rebate este stress para os atletas no jogo e também "fora das quatro linhas" com suas diferentes manifestações. Da mesma maneira que se a equipe vai bem, o torcedor é estimulado e tenta repassar este contentamento aos atletas.

O mundo do futebol, como o de qualquer esporte de rendimento, tem altos e baixos, portanto os atletas podem estar em bons momentos ou não. Como é um mundo em que o dinheiro é uma peça importante, os atletas acabam atingindo não só uma boa performance, mas querem ter bons salários, status e fama. Quando um garoto começa sua vida futebolística sonha em jogar nos grandes clubes da Europa, mas a realidade é outra: são poucos os jogadores que

conquistam a fama e a fortuna. Jogar em um clube brasileiro que pague os salários no mês corrente já é uma grande vantagem.

O que é mais interessante nessa vida de altos e baixos, status e dinheiro do emprego de “boleiro”, é a relação que as torcidas têm com os atletas. No caso dos atletas de grandes clubes, com maiores salários, a cobrança funciona diretamente proporcional. Quando o torcedor interpreta que o jogador deixa de ter uma atitude de um guerreiro que honra a camisa do clube, ou pior: faz corpo mole; as manifestações são de desacreditar. Gritos de “mercenário!”, arremessos e rasgamento de dinheiro (moedas e notas de baixo valor) nas arquibancadas devem por em perigo a carreira de qualquer atleta.

É esta a grande questão da fama; pois a mídia tem intervenções importantes no caminho trilhado por um jogador. Jogadores conquistam fama, status e outros direitos por via da mídia, e uma vez conquistados, jamais se pode perdê-los. Os jogadores famosos recebem, além de um melhor salário e um “bicho” maior que os dos outros jogadores (que às vezes carregam o piano), também têm o chamado direito de imagem; um dinheiro pago pelo clube por dar atenção à imprensa e aparecer na mídia.

Estas questões são importantes no tocante ao comportamento de um atleta de futebol, já que o que está em jogo é a sua carreira, portanto a sua vida. As responsabilidades do jogador, que vão desde o treinamento, passando pelas suas atuações em “jogos” e o relacionamento com as torcidas, mídia etc, completam um conjunto de eventos que, além de construir o caráter e a identidade do jogador, também afeta o seu comportamento psicológico.

Dentre os fatores intervenientes do desempenho desportivo, a pressão das torcidas é um item muito importante. Se atletas como Romário, por exemplo, têm a “torcida contra” como um elemento favorável ao seu melhor rendimento, é melhor não provocar o “baixinho”. A afirmação é para que fique caracterizado que não importam quais são, vindas de quem, de onde, por meio de que recurso etc. As manifestações das torcidas não influenciam os jogadores da mesma maneira, essas inúmeras manifestações nem sempre conseguem atingir, ou mesmo estimular os atletas de acordo com o que o proponente almeja. Isto, porque o fator

estressor chamado torcida, apenas terá a função de estressar os jogadores. A maneira como o atleta vai responder a estes estímulos depende de variáveis como, por exemplo, o eustress, o distress, nível de arousal etc. Estas analogias partem da psicologia cognitiva e os conceitos culturais, pois são as emoções do atleta no campo durante uma partida (mesmo provenientes de outro meio que não este) que irão reger seus movimentos, portanto, as manifestações das torcidas são consideradas somente como estímulos que levam os atletas a ansiedade; se será boa ou ruim, vai depender do seu momento, da sua história, de seus traços de ansiedade etc.

Não é incomum o conceito que se tem de que o atleta é um homem-máquina. O problema é que este conceito está sendo passado para o atleta, inclusive pela equipe de treinamento. Um atleta estressado não tem um rendimento ótimo nem para com os seu trabalho, nem para com as suas responsabilidades sociais, e mais: está mais sujeito a problemas somáticos e lesões osteomusculares.

Tendo estas resoluções em mente, é preciso que haja uma dosagem nos níveis de ansiedade e stress nos jogadores de futebol para que estes reajam com a maior competência cognitiva (e porque não dizer futebolística?) possível. Esta dosagem deve ser ponderada nos domínios físico e psicológico no mesmo prato da balança, formando um volume só.

Isto se torna muito difícil, pois é necessário avaliar o stress individualmente, haja vista que a percepção dos níveis de ansiedade e stress é subjetiva.

Hoje em dia, a presença de um psicólogo do esporte nos clubes de futebol está sendo muito importante, pois um psicólogo trabalhando com os atletas pode mudar significativamente o desempenho de uma equipe. Se além do trabalho motivacional, que já é utilizado nos grandes clubes, também houver um trabalho no intuito de fazer com que cada atleta consiga entender e assimilar as suas emoções é possível que este, tentando encontrar um nível de ativação

apropriado, tenha as melhores respostas motoras frente os estímulos causados pela grande massa que faz um estádio literalmente tremer: A torcida!

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ATKINSON, R. L. **Introdução a Psicologia de Hilgard**, Porto Alegre, RS, ARTMED, 2002.
- BANDEIRA, T. L. **Identificação das causas subjetivas da Ansiedade Competitiva e das estratégias de superação de atletas de equipes adultas masculinas de basquetebol**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2002.
- BRANDÃO, M. R. F, **Fatores de estresse em jogadores de Futebol profissional**, Dissertação (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2000.
- BRUHNS, H. T. **Conversando sobre o corpo**, Campinas, SP, Papyrus, 1994.
- BUYTENDIJK, F. J. J. **Psicologia do Futebol**, São Paulo: Herder, 1965.
- BYINGTON, C. **A riqueza simbólica do futebol**, São Paulo: Psicologia Atual, 1982.
- CARRANO, P.C.R (org). **Futebol: Paixão e Política**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- CARUSO, E. DIÁRIO DO POVO, 22 DE JULHO DE 2004, **Planeta Esporte**, p. 8, Campinas, SP, 2004
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Ática, 1994.
- COCA, S. **Hombres para el Futbol**, Madrid – Espanha: Gymnos, 1985.
- DAMATTA, R. et al. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**, Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, R. **Torre de Babel: Ensaio, crônicas, críticas, interpretações e fantasias**. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.
- DAOLIO, J. **Cultura Educação Física e Futebol**, Campinas, SP.: Editora da Unicamp, 1997.
- _____ **As contradições do futebol brasileiro**. In CARRANO, P.C.R (org). **Futebol: Paixão e Política**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

GOUD, D. & KRANE, V. **The arousal-athletic Performance Relationship: Current status and future directions.** In HORNS, S. (ed). : **Advances In sport Psychology**, cap 06.

GIACOBBI, P. R. e WEINBERG, R. S. (2000), Disponível em: EF Deportes: <http://www.efdeportes.com/Revista Digital>, Buenos Aires - Ano 6 - N° 33 - Março de 2001, acesso em 2004.

JONES, G & SWAIN, A. Predispositions to Experience Debilitative and Facilitative Anxiety in Elite and Noelite Performers. **The Sports Psychologist**, Champaign, IL: Human Kinetics, 1995.

LOPEZ, E. M. **Futebol e Psicologia**, São Paulo: Atica, 1996.

MELO, R. S. de. **Qualidades Físicas e Psicológicas e Exercícios Técnicos do Atleta de Futebol.** Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MONAHAIN, T. Exercise and depression: swapping sweat for serenity.: **The physical and Sports Medicine**, cap 14, 1986.

MOREIRA, W. W. **Futebol Evolução O ser humano, a técnica e o espetáculo**, Piracicaba: Gráfica Unimep, 1992.

OLIVEIRA, I. B. Futebol, os Santos Guerreiros Contra o Dragão da Maldade. In: CARRANO, P.C.R (org). **Futebol: Paixão e Política.** Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

OLIVEIRA, S.L. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de pesquisa, IGT, TCC, Monografias, Dissertações e Teses**, São Paulo, Pioneira, 2001.

PIMENTA, C. M. **Futebol e Violência entre Torcidas Organizadas – A busca da Identidade através da violência**, São Paulo, 1995 Dissertação (Mestrado): Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP, 1997.

REIS, H. H. B. **Futebol e sociedade: As manifestações da torcida**, Campinas, 1998. Dissertação (Doutorado em estudos do Lazer): Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1998.

RIGO, L. **Futebol em 5 Dimensões**, São Paulo: Esporte e Educação LTDA., 1974.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: Teoria e aplicação prática**, Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1995.

SAMULSKI, D & CHAGAS, M. H. Análise do Stress na competição em jogadores de futebol de campo das categorias infantil e juvenil (15-18 anos): **Revista Brasileira de Ciência e Movimento N° 4**, 1992.

SAMULSKI, D & CHAGAS, M. H. Análise do Stresse Psíquico na competição em jogadores de futebol de campo das categorias juvenil e Junior.: **Revista da associação dos professores de Londrina V 11**, 1996

SILVA, S.R. **Tua imensa torcida é bem feliz... da relação do torcedor com o clube**. Campinas, 1998. Dissertação (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

SOARES, J. G. **Futebol, Malandragem e Identidade**, São Paulo: Vitória, 1994.

TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas de Futebol**, Campinas: Autores Associados, 1996.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**, São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

PÁGINAS DA INTERNET (Webites):

EF Deporte: <http://www.efdeportes.com>

FIFA: www.fifa.com

Gaviões da fiel: www.gavioesdafiel.cjb.net

Gaviões da fiel: www.gavioes.com.br

Torcida Tricolor Independente: www.independentenet.com.br

Terra Espanha: www.terra.com.es